

## **Importância do Marques do Lavradio, 3º vice-rei, na divulgação da história natural do Brasil setecentista**

### ***Importance of Marques do Lavradio, 30 Vice-Rei, in the divulgation the natural history of Brazil in the XVIII century***

**José Mario d'Almeida**

Departamento de Biologia Geral, Universidade Federal Fluminense

*josemariodalmeida@id.uff.br*

[orcid.org/0000-0001-90163441](https://orcid.org/0000-0001-90163441)

**Claudia Alves d'Almeida**

Programa de História da Ciência e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz

*claudiaalvesdalmeida@yahoo.com.br*

[orcid.org/0000-0001-7274-2757](https://orcid.org/0000-0001-7274-2757)

**Resumo.** Com o presente trabalho espera-se demonstrar a importância do Vice-Rei Marques do Lavradio no desenvolvimento da História Natural no Brasil. Para embasar a pesquisa, foram analisadas algumas cartas, escritas pelo Marques, envolvendo assuntos ligados à História Natural. Como também, as atividades da Academia de Ciências do Rio de Janeiro, criada por Lavradio em 1772, nas suas sessões eram discutidos e apresentados trabalhos ligados a História Natural, Medicina, dentre outros. Salienta-se que o envolvimento do Marques era tão intenso, que ele acompanhava as sessões da Academia. O Marques do Lavradio, no final do seu governo preparou um detalhado relatório para o seu sucessor sobre assuntos variados referentes à Colônia, que também foi usado no embasamento do presente trabalho.

**Palavras-chave:** Marques do Lavradio, Brasil Colônia, Academia de Ciências do Rio de Janeiro.

**Abstract.** *This work is expected to demonstrate the importance of Vice Rei Marques do Lavradio in the development of Natural History in Brazil. To support the research, some letters were analyzed, written by Marques, involving subjects related to Natural History. As well, the activities of the Rio de Janeiro Academy of*

*Sciences, created by Lavradio in 1772, in its sessions were discussed and presented works related to Natural History, Medicine, among others. It should be noted that Marques' involvement was so intense that he followed the Academy's sessions. Marques do Lavradio, at the end of his government, prepared a detailed report for his successor on various subjects related to Colony, which was also used as the basis for this work.*

**Keywords:** *Marques do Lavradio, Brazil Colony, Academy of Sciences of Rio de Janeiro.*

Recebido: 01/10/2017 Aceito: 27/10/2017 Publicado: 05/11/2017

## **1. Introdução**

A colonização portuguesa nas terras americanas, visava basicamente o enriquecimento da metrópole, Cardoso, *et. al.* (1985) no entendimento das Ciências no Brasil Colônia, relatam que seria necessário uma detalhada avaliação da formação social da colônia nos primeiros séculos de sua existência. Contudo, ocorreram administrações setecentistas que se destacaram na área científica, mesmo sendo incipientes, dentre elas, ressalta-se a do Marquês do Lavradio e a de D. Luiz de Vasconcelos e Souza. Com o presente trabalho espera-se demonstrar a importância do vice-reinado do Marquês do Lavradio (1769-1779) para a divulgação da História Natural no Brasil setecentista, utilizando-se para tal finalidade, as cartas enviadas para diferentes destinatários, que abordavam temas ligados às Ciências; a criação da Academia de Ciências do Rio de Janeiro associada ao Horto Botânico. Também utilizou-se um relatório escrito pelo Marques do Lavradio, endereçado ao seu sucessor, D. Luiz de Vasconcelos e Souza.

## **2. Desenvolvimento**

Até meados do século XVIII o desenvolvimento científico e tecnológico da Colônia ainda era incipiente, como também o de Portugal. Com a coroação de D. José I e a ascensão do Marques de Pombal, várias mudanças foram instituídas na Metrópole. O espírito iluminista que imperava em vários países da Europa, nessa época, também contaminou Portugal, gerando muitas mudanças no desenvolvimento científico, que acabaram repercutindo nas colônias e, em especial no Brasil. Contudo, segundo Filgueiras (1998), a ciência brasileira setecentista apresentava certas particularidades,

que, “*avaliada como umabusca desinteressadade conhecimento da natureza, praticada de forma contínua ou regular, com o patrocínio do estado ou de mecenas particulares, era inexistente*”.

Em 1763, a capital do Vice-Reino do Brasil, foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro, devido ao elevado crescimento da nova capital, motivado pelo ouro e pedras preciosas, oriundas de Minas Gerais, que encontravam no Rio de Janeiro um porto escoador bem melhor para o envio dessas riquezas para a Corte. O Marques do Lavradio, personagem alvo da presente pesquisa, foi nomeado, inicialmente, como governador da Bahia, depois de uma rápida administração, foi renomeado Vice Rei do Brasil e transferido de Salvador para a capital da colônia, em 1769, onde demonstrou o seu interesse pelas Ciências Naturais. É interessante ressaltar que a vinda de Lavradio para o Brasil, teria sido uma estratégia política usada pelo, então ministro Marques de Pombal, para afastá-lo da Corte, por desavenças familiares (SANTOS, 2017).

D. Luiz de Almeida Portugal Soares Alarcão Eça e Melo Silva e Mascarenhas da varonia dos Almeida, 5<sup>o</sup> Conde de Avintes e 2<sup>o</sup> Marques de Lavradio, título obtido após a morte de seu pai em 1760 na Bahia. Nasceu em 26 de junho de 1729 na Quinta da Conceição em Lisboa, aos doze anos ingressou nas Forças Armadas, na infantaria de Elvas. Seguiu para Madri em 1749 e depois para

Paris, onde estudou artes militares (SANTOS, 2017).

Segundo Aizen (2006) a administração do Marques do Lavradio (1769-1779) foi marcada pelas seguintes realizações: investimento na defesa militar, já que pela formação militar de Lavradio, ele se preocupava muito com possíveis invasões da cidade; aterramento de pantanais e abertura de ruas, inclusive a rua que tem o seu nome, que ligava o Róssio (Praça Tiradentes) ao caminho de Mata-Cavalos (rua do Riachuelo); afastou do centro da cidade para o Valongo o mercado de escravos, como também deslocou o cemitério dos Pretos-Novos para a Gamboa; construiu o chafariz da Glória; incrementou a produção pecuária na Fazenda Real de Santa Cruz, tema muito abordado no relatório e entregue ao seu sucessor; exerceu maior controle na escolha dos vereadores da Câmara. Do ponto de vista cultural, pode-se destacar a criação do Teatro Casa da Ópera e a construção da Igreja Nossa Senhora da Candelária.



**Figura 1.** Marquês do Lavradio.

Imagem obtida do *Fundo Marquês do Lavradio – Inventário*, Arquivo Nacional, 1999.

Dentre as realizações que envolviam as Ciências, em especial a História Natural, destaca-se a criação da Academia Científica do Rio de Janeiro, associada a um Horto Botânico. Contudo, mesmo com a formação especializada em artes militares, os problemas políticos externos se agravaram, ocorrendo invasões de fronteira e guerras no sul da colônia (AIZEN, 2006).

Com a coroação de D. José I e a ascensão do Marquês de Pombal, o governo português, nas Ciências Naturais, viu saída para a crise de reordenamento de suas estruturas políticas e econômicas (BARBATO, 2009). Pombal, imbuído nesse espírito do iluminismo, prevalescente na Europa, convidou o naturalista Domenico Vandelli para lecionar na Universidade de Coimbra, onde foi lente de química e história natural, como também foi diretor do Jardim Botânico da Ajuda, instituição cuja principal função era a aclimação de plantas úteis (KURY, MUNTUEL F<sup>o</sup>, 1995). Essas ideias iluministas que fervilhavam na Europa, podem ter influenciado o Marquês do Lavradio, no seu interesse pela História Natural, visando, principalmente o desenvolvimento econômico da Colônia.

Segundo Torres & Santos (2009), nas cartas de D. Luiz de Almeida, estava clara uma elevada preocupação com a carência de conhecimentos dos brasileiros sobre a fauna e flora, mesmo em se tratando de plantas de uso medicinal. Lavradio também ressalta a falta de comunicação dos letrados sobre assuntos relativos às Ciências Naturais. Esses mesmos autores, Torres & Santos (2009), assinalam que, nas cartas, o Marquês demonstrava preocupação com a falta de interesse da Corte em promover estudos botânicos, que além dos lucros, trariam benefícios para a população. Por meio dessas

cartas, Lavradio divulgava decisões administrativas que seriam tomadas, como foi a criação da Academia de Ciências do Rio de Janeiro, pode-se observar na carta enviada ao seu amigo o Marques Angeja:

Resolvi-me a fazer um ajuntamento de médicos, cirurgiões, botânicos, farmacêuticos e alguns curiosos, aqui desta capitania, formando com eles uma assembleia ou academia para se examinarem todas as cousas que se puderem encontrar neste continente pertencentes aos 3 reinos: vegetal, animal e mineral. (LAVRADIO, 1769-1776, P 97)

Na publicação do Arquivo Nacional, de 1999, intitulada: “*Fundo Marques do Lavradio – Inventário*”, além das cartas, também constam dissertações de letrados, envolvendo plantas de interesse econômico, dentre elas: 2 obras envolvendo o algodão; 4 o anil; 1 a amora; 4 a cochonilha, 3 o tabaco e, em uma delas, Lavradio demonstra preocupação com a caça predatória de baleias.

Outra realização importante do Marques do Lavradio foi a criação da Academia de Ciências do Rio de Janeiro em 18 de fevereiro de 1772. No Brasil Colônia as Academias tiveram duração efêmera, e a maioria dos seus trabalhos foram de cunho literário, dentre elas, destaca-se a Academia Brasílica dos Esquecidos, criada em 1724. Segundo Marques (2005), ainda no século XVI várias academias científicas foram criadas, Alemanha, Itália, Inglaterra, França, dentre outras. Para a criação da Academia de Medicina e História Natural do Rio de Janeiro, denominada Academia de Ciências do Rio de Janeiro, o Marques do Lavradio contou com a participação ativa do filósofo e seu médico particular Dr. José Henriques Ferreira, primeiro médico do Hospital Real. A Academia de Ciências do Rio de Janeiro congregava nove acadêmicos, dois médicos, quatro cirurgiões, dois boticários e um prático em agricultura (KOURY & MUNTEAL-FILHO, 1995). Na primeira sessão, em 28 de fevereiro de 1772, foram eleitos: presidente e secretário – José Henriques Ferreira; e o cirurgião Luis Borges Salgado, respectivamente. Nessa primeira sessão, o boticário Antonio Ribeiro de Paiva, responsável pela História Natural, discorreu sobre as divisões da História Natural, em especial a Botânica e ressaltou o proveito que a Colônia poderia obter com esse tipo de exploração. Os encontros ocorriam às quintas feiras na sede da Academia e aos sábados

no Horto Botânico. Com a criação da Academia de Ciências do Rio de Janeiro, Lavradio, vislumbrando a necessidade de comprovações práticas, criou um horto botânico, em área do antigo Colégio dos Jesuítas. (MARQUES, 2005, p. 44).

As primeiras contribuições da recém criada Academia de Ciências do Rio de Janeiro começaram a aparecer, causando orgulho ao seu criador, o Marques do Lavradio:

Já se fizeram duas descobertas sobre alguns simples que aqui se acham e se costumam vir de fora como é o cacto e o mechoação, o primeiro vem da Ásia e verdadeiramente não se sabia o de que era composto, uns diziam ser de certa quantidade de terra, outros ser da mesma terra, com a mistura de algumas plantas, outros da dita terra com uma fruta que só havia na Ásia. Examinou-se o caju, extraído na conformidade que V. Exa. verá da dissertação sobre esta matéria, e deu o cacto mais perfeito. O professor da farmácia fez a extração e a levou à Academia junto com o que vem da Ásia, e não dizendo qual deles era o extraído por ele, examinando a Academia, um e outro, aquele que a Academia aprovou por melhor e mais perfeito, era o que, tinha extraído o dito acadêmico (LAVRADIO, 1769-1776, p 97).

Convém destacar que a Academia de Ciências do Rio de Janeiro mantinha vínculos com a Academia de Ciências da Suécia, portanto, os assuntos analisados e discutidos nas sessões chegavam a Europa e conseqüentemente aos ouvidos de botânicos e zoólogos, dentre eles Carl VonLinné. (KOURY & MUNTEAL-FILHO, 1995).

Segundo Santos & Torres (2012), dentre os diferentes temas tratados, pode-se destacar: Ação purgativa da mecoacã, planta originária do México. Os cientistas da Academia do Rio de Janeiro testaram a batata de purga (*Operculinasp.*) e outras espécies encontradas no Brasil, com o mesmo efeito da planta mexicana; Experiências com o anileiro (*Indigoferasp.*), matéria prima para a produção do corante azul anil; Outro tema muito discutido na Academia foi a cochonilha, da qual é feito um importante corante (FERRAZ, 2007). Os letrados da Academia conseguiram, no Horto Botânico, estudar o inseto, que se desenvolve em algumas espécies de cactos. Do exoesqueleto das fêmeas isolaram um corante, o vermelho carmin. Sobre esse assunto foi escrita uma dissertação, sob os auspícios da Academia de Ciências do Rio de Janeiro, denominada *Memória sobre a cochonilha e o methodo de a propagar, offerecida aos lavradores Brasileiros*,

*por hum patriota zeloso e amante da felicidade publica*". Foi escrita por Jacinto José da Silva Quintão e publicada na seção Agricultura edição de outubro de 1813 (O PATRIOTA, 1814, p 14).

As pesquisas efetuadas na Academia de Ciências do Riode Janeiro, além de incentivar trabalhos sobre os três reinos e promover debates científicos, também visavam atender os males que afetavam a população, de acordo com Lavradio:

.... se podem fazer mais perduráveis as vidas, remediando-se muitas moléstias e achaques, por efeito das admiráveis plantas, raízes, óleos, bálsamos e gomas de que é cheio todo este continente.... (LAVRADIO, 1769-1776, p.97)

Com o fim da administração do Marques do Lavradio, em 1779, a Academia de Ciências do Rio de Janeiro termina, também, os seus trabalhos. Em 1786, sob a administração do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza, foi criada a Sociedade Literária do Rio de Janeiro, não diríamos que veio substituir a Academia de Ciências do Marques de Lavradio, porque o enfoque era mais literário, contudo, foi uma grande conquista, realizada por um outro grande administrador. Com término do vice-reinado de D. Luis de Vasconcelos, em 1790 e a nomeação do Conde de Resende, a Sociedade Literária é extinta (KURY & MUNTEAL-FILHO, 1995).

Para o embasamento do presente trabalho, também foi utilizado o relatório entregue ao sucessor do Marques do Lavradio, onde ele menciona a importância da Academia Científica do Rio de Janeiro, para o desenvolvimento da História Natural setecentista, como também, enfatiza a necessidade de estudos de Botânica, em especial aqueles voltados para as áreas agrícola e médica. É bem verdade, que em aproximadamente 90% do relatório, o Marques aborda temas militares (MARQUES DO LAVRADIO, 1863, p. 474). Apesar da importância da Academia Científica do Rio de Janeiro, pouco foi analisado, pela ótica da historiografia científica colonial, talvez pela sua efêmera existência, apenas sete anos (1772-1779).

### **3. Conclusão**

No presente artigo, constatou-se que no vice-reinado do Marquês do Lavradio, a ciência no Brasil colônia recebeu um grande impulso e, em certas situações, com envolvimento direto do vice rei, contudo, é necessário deixar claro que, mesmo de forma incipiente a

ciência brasileira avançava lentamente. Destacamos que na gestão do Marquês do Lavradio foi criada a Academia de Ciências do Rio de Janeiro, bem antes da Academia de Ciências da metrópole, onde eram desenvolvidas pesquisas e palestras, contando com a presença e apoio do Vice Rei.

Todavia, ressaltamos a necessidade de um aprofundamento desses estudos históricos, abordando com maior ênfase as fontes primárias.

### **Referências Bibliográficas**

AIZEN, M. Rio de Janeiro – A cidade dos vice-reis: 1763-1808. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro**, v.167, n.432, p.201-207, 2006.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Coordenação de Documentos Escritos. Seção de Arquivos Privados. **Fundo Marquês do Lavradio: inventário/Arquivo Nacional--Rio de Janeiro: Arquivo Nacional**, 1999.

BARBATO, L. F. T. “Natureza, Ciência e Progresso: A natureza brasileira no debate letrado do IHGB (1839-1845)” *In.*: **Aedos.Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS**. v. 2, n. 3, 2009

CARDOSO, W.; NOVAIS, F.; D’AMBRÓSIO, Ubiratan. Para uma história das ciências no Brasil colonial. **Revista Brasileira de História da Ciência**, n. 1, p. 13-17, jan./jun. 1985.

FERRAZ, M. H. M.. A rota dos estudos sobre a cochonilha em Portugal e no Brasil no século XIX: caminhos desencontrados. **Química Nova**, v.30, p.1032-1037, 2007.

FILGUEIRAS, C. A.. L. Havia alguma Ciência no Brasil setecentista ? **Química Nova**, v.21, n.3, p.351-353, 1998.

KURY, L. B. & MUNTEAL-FILHO, Oswaldo. Cultura científica e sociabilidade intelectual no Brasil setecentista:um estudo acerca da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.8, n.1-2, p. 105-121. 1995.

LAVRADIO, M. **Cartas do Rio de Janeiro (1769-1776)**. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Livro, 1978.

LAVRADIO, M. Relatório do Marquês de Lavradio, vice-rei do Rio de Janeiro entregando o governo a Luís de Vasconcellos e Sousa, que o sucedeu.

**Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, tomo 4, 1863.

MARQUES, V. R. B. Escola de homens de ciências: a Academia Científica do Rio de Janeiro, 1772-1779. **Educar**, Curitiba, n.25, p.39-57.2005.

O PATRIOTA. Sumário da história do descobrimento da cochonilha no Brazil, e das observaçoens, que sobre ella fez o Dr. José Henriques Ferreira. **O Jornal o Patriota – Jornal literário, político, mercantil**. Edições janeiro-fevereiro de 1814.

SANTOS, F. V. dos. **O Marques do Lavradio e os rumos da colonização na América portuguesa: notas sobre o vice-rei e sua ação administrativa (1768-1779)**. Arquivo Nacional/História Colonial – Comentários. 2017.

SANTOS, A. A. & TORRES, J. C. Produtos Naturais de Origem Vegetal no Brasil sob uma Perspectiva História. **Perspectivas da Ciência e Tecnologia**, v.4, n.1/2, p.33-42. 2012.

TORRES, J. C. & SANTOS, A. . **Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química**. p.930-2. 2009.